

## A criança preocupada

*Claudia Mascarenhas Fernandes*

Em sua época Freud se perguntou o que queria uma mulher, devido ao enigma que essa posição subjetiva suscitava. Outras perguntas sempre fizeram da psicanálise uma prática essencialmente questionadora, eu diria sempre subversiva.

Hoje para nossa discussão tenho uma pergunta:

O que se espera de uma criança?

Acredito que é uma pergunta que continua na linha da subversão que a psicanálise necessita para trabalhar, pois, do modo em que as crianças estão sendo consideradas, é preciso realmente perguntar: o que se espera de uma criança?

À constituição do sujeito deve sempre se agregar a idéia necessária de que é preciso que se crie um fantasma partindo dessa pergunta: "o que queres de mim?" grosso modo resumindo, o sujeito será a invenção dessa resposta.

Mas como psicanalista que atende crianças, não deixo de me perguntar todos os dias, se não há algo um pouco estranho acontecendo com o que as crianças estão fazendo a partir dessa pergunta: o que queres de mim?

Atualmente considero que 9 dentre 10 crianças estão sempre preocupadas: com os pais, com a escola, com o colega, com o cachorro, com a gripe, por causa do ladrão, com as tarefas, com o tempo, ou mesmo com alguma coisa que nem sabem o que é. Pergunto-me: quando estão preocupadas com essas coisas com o que estão se ocupando?

Tenho um sentimento de que se sentem desprotegidas, sozinhas, perdidas, sem entender o que ocorre, mesmo que tenham pais muito presentes e comprometidos.

No dicionário preocupar quer dizer prender a atenção, ocupar fortemente o espírito, inquietar, afligir-se, deixar-se absorver. Mas o que esta acontecendo que, mesmo em situações de

familiares presentes e escolas tão comprometidas, as crianças tem se queixado de estarem preocupadas?

As crianças estão angustiadas.

Tenho observado um fato curioso.

Existem pelo menos duas realidades que acompanham as situações em que crianças ficam preocupadas ou que se deixam absorver por assuntos que não são temas da infância.

A primeira delas são essas situações em que, a partir de toda boa intenção dos pais, estes acabam colocando a criança como aquela a qual há que satisfazer todos os quereres e que, portanto, elas terminam por mandarem nas opções e escolhas da casa. Elas escolhem tudo: os brinquedos, a roupa, a empregada, o restaurante, a escola em que vão estudar.

A segunda situação, muito freqüente também, são essas em que é preciso dar tudo ou fazer tudo para que a criança seja feliz. A criança tem que ser feliz não importa o que acontecer, tudo é preciso ser feito para que se cumpra esse ideal de felicidade. Precisam inclusive ser mais felizes do que os pais foram.

Ora essa matemática da classe média e alta tem um denominador: uma exigência sem limites para a criança. No primeiro caso, daquelas crianças que precisam ser tão independentes e autônomas que passam a escolher e a opinar sobre todos os acontecimentos da casa, estas se deparam com uma questão muito simples: será que o que eles esperam de mim é que eu resolva todos os problemas da família? Portanto, se ela tiver alguma dificuldade ninguém poderá ajudá-la, ela é mais forte do que todos.

No segundo caso, dessas que precisam ser felizes a toda prova, pois a família faz tudo para que ela seja feliz, é óbvio que na primeira topada que ela der, o chão vai desabar, pois não vai cumprir com o ideal de felicidade esperado, portanto, pode deprimir, vai se achar sempre alguém daquilo que esperavam dela.

Esses são dois exemplos extremamente comuns de crianças que estão aflitas, estão com o espírito fortemente ocupado com questões que não conseguem resolver.

Na classe menos favorecida, também há respostas para essa pergunta: o que se espera de mim? São situações em que elas se deparam com a idéia que precisam distrair seus pais, dão trabalho ou ficam "pirraçando", como as mães costumam se queixar "esse menino me pirraça o dia inteiro". Ou em outras situações que estão preocupadas com o que vão fazer para ajudar a família. São crianças que precisam ocupar o lugar vazio da falta de condição, da falta de dinheiro, da falta de algum bem material.

Existe uma unanimidade em todas as classes sociais: todas as nossas crianças estão preocupadas com a violência do nosso dia a dia. As que têm dinheiro, preocupadas em serem assaltadas (são ladrões que podem subir pelas paredes de um prédio de nove andares, que podem entrar pelo ar condicionado central da casa), as que não têm dinheiro, preocupadas em levar um tiro na rua, no irmão que o traficante matou ou no pai que cai nos fins de semana de bebedeira e ela que tem que carregar para casa.

Os pais, por sua vez, também têm os mesmos medos e preocupações, como podem dar segurança para os filhos? Eles também estão com medo de serem assaltados, mortos, pegos por algum traficante.

A preocupação é a grande angústia da atualidade. E é uma angústia do nosso cotidiano, não estou ainda falando de situações de perturbações da saúde mental.

Nessas situações corriqueiras que respostas podem dar as crianças ao que elas imaginam que se espera delas?

As crianças estão se queixando de cansaço, de muito medo, de falta de vontade, de não conseguirem aprender tudo, de não poderem dormir, não querem comer, estão tristes com os colegas, tem pesadelos, não querem sair de casa, não agüentam escutar um "não".

Os pais tentando resolver os problemas terminam por desviar deles. Para resolver a empregada que não confiam, colocam o dia inteiro na escola. Achem que precisam ajudar nas tarefas da escola, fazem por elas ou pagam alguém para "ensinar", isso para o filho não levar nada errado para a professora. Para não atrapalharem o filho comer, não vem mais almoçar em casa. Caso não tenham tempo de ir passear no shopping e nem dinheiro para comprar naquele momento, não se divertem com os filhos.

Os pais também estão cansados, precisam de mais tempo, precisam de espaço, não vivem mais como casal já que o filho com todas essas questões tomou toda atenção da casa. Os pais não namoram mais.

Essas são as questões que as crianças levam atualmente ao pediatra, que afirmam que as queixas de dor de garganta, inflamações etc. foram substituídas pelas queixas de comportamento e relacionamento.

Não há receita, mesmo porque do jeito que as exigências vão, facilmente toda e qualquer orientação se torna rapidamente mais uma exigência para essas famílias tão desesperadas para que no final das contas tudo dê certo.

E nós profissionais nisso tudo? De que forma colaboramos com isso? O que se pode fazer aí?

Em primeiro lugar a idéia de buscar culpados em nada ajuda, e a culpa não permite que todos preocupados na questão possam andar e sair desse lugar. A culpa imobiliza. Na verdade todos estão tentando fazer o melhor, o problema é que esse melhor não está tranquilo para ninguém pois é sempre um melhor derivado de um grande ideal.

Em segundo lugar precisamos na nossa prática do dia a dia acolher essas questões mas não se conformar com elas. A criança sempre vai estar inserida num lugar de linguagem, num contexto e com determinadas circunstâncias da vida, não estão isoladas do seu entorno. Nem sempre essas crianças estão precisando de psicanalista e se estão, talvez seja por muito pouco tempo. Trabalhamos aqui no viva infância, e eu no meu consultório particular, com a idéia de que assim que os pais possam retomar a transferência da criança para eles, pode já ser a hora de encerramos o trabalho com a criança.

Quanto às situações em que as crianças recebem diagnósticos já estabelecidos precisamos ter muita habilidade. Habilidade de escutar, acolher a transferência, e lidar com questões que muitas vezes discordamos como pessoas, mas que é importante encontrar junto com essa criança um lugar para ela. Isso merece um outro trabalho....

Toda criança precisa de um lugar, uma história, tempo para pensar e desenvolver, brincar com amigos, cumprir uma rotina, regras para se sentir segura, espaço e tempo com aqueles que gostam dela e que elas gostam. Seus pensamentos mágicos, suas idéias secretas, seus planos precisam de um lugar. Certamente passar o dia fazendo tudo correndo, cheio de tarefas a

cumprir, sem tempo para conversar ou ouvir histórias, sem tempo para ser escutada, não para fazer o que ela quer, mas para ter alguém que se interesse pelo que ela diz, não está ajudando.

Outro dia fui levar meu sobrinho na escola dele. Ele tinha uma mochila, uma lancheira, ainda levava na mão um barco que ele tinha feito, na outra um beyblade e um boneco de borracha. Pensei ...oh meu deus quanta coisa na mão, mas por acaso, ao invés de pegar e já colocar na mochila, perguntei: porque você não bota essas coisas na mochila? Ele disse apenas: não. Também por acaso, ao invés de dizer, não, você vai colocar na mochila porque não vai dar certo tanta coisa na mão, então resolvi “pagar par ver”. Entramos na escola e assim que ele entrou na sala de aula, eu vi qual tinha sido seu plano: todos os colegas viram imediatamente o que ele tinha na mão, pararam de fazer o que estavam fazendo e foram em direção a ele.... ai eu entendi seu plano secreto.

>

> O que esse pequeno fragmento me ensinou foi que precisamos de um pouco mais de tolerância e um pouco mais de tempo com as crianças. Um pouco que seja.

Precisamos deixar um pouco de lado o que não precisamos de verdade e isso só cada um sabe do seu.

E para uma criança ser criança ela precisa parar de se preocupar, ter a capacidade de se desligar dos problemas ou assuntos de adultos.

Assim como é interessante que saibam que os adultos decidem as coisas importantes da vida dela, pois assim eles a protegem. É preciso que suportem qualquer falha, qualquer erro. É preciso errar e não esconder das crianças que se erra. Não escondam também se estiverem tristes, mas digam a ela que vocês vão tentar resolver. Compartilhem o tempinho que tiverem para fazer algo simples, como ir na esquina a pé e comprar revistinha. Mas decidam qual será a melhor escola. Não queiram dar tudo e se não dão tudo, não pensem que queriam dar, que seria melhor para ela ter tudo. Não há coisa mais angustiante do que pensar que se pode tudo, pois quem ganha tudo, pode tudo. Sem se exigir demais fica mais tranquilo, e se trabalham para dar tudo, nada fica muito bem. Se querem trabalhar muito é porque gostam mesmo de trabalho, não porque vão comprar coisas para os filhos. Não deixem de namorar, e para isso a cama dos pais precisa ser só deles.

As crianças precisam saber que há coisas de adultos e há coisas de crianças. E por isso preocupações de adultos e não delas.

No final ficou parecendo um conselho sentimental, mas é um desabafo diante de tanta preocupação, em outras palavras, tanta angústia, que eu digo: desnecessária.

Afinal a pergunta: o que esperamos de uma criança? pode se transformar em o que nós queremos para elas e para nós?